

Índios buscam respostas para futuro incerto

Em luta pela sobrevivência, os índios brasileiros questionam a ajuda do Governo Federal

FERNANDO PINTO
Repórter Especial

O que a Constituinte pode e deve fazer pelo índio? Qual o desempenho da Funai em favor da causa indígena no último ano? Qual a abertura de atuação que o Governo está concedendo às lideranças silvícolas no contexto de uma abstração chamada Nova República? E, afinal, qual a estratégia de sobrevivência a ser adotada pelas várias nações que somam hoje 220 mil índios brasileiros remanescentes (já foram oito milhões) do maior genocídio do mundo?

Para responder a todas essas indagações, seis líderes indígenas se reuniram em Brasília durante dois dias neste final de semana: Marcos, Carlos e Jorge (Terena); Ianaculá Rodarte (Kamalurá); Jeremias (Xavante); e Ailton (Krenak). Por uma mera coincidência, cinco deles estão vinculados a órgãos do Governo Federal. Mas nem isso os impede de criticar o sistema oficial e a que estão teoricamente subordinados. Desprendidos, eles procuram fazer uma avaliação real da situação afiliva em que se encontram seus irmãos índios.

Acima dos cabides de empregos públicos está o interesse de sua gente. Marcos Terena, por exemplo, que se candidatou a deputado federal pelo PDT-DF e que continua como assessor especial do Ministério da Cultura, queixa-se que o seu espaço está cada vez menor naquele órgão:

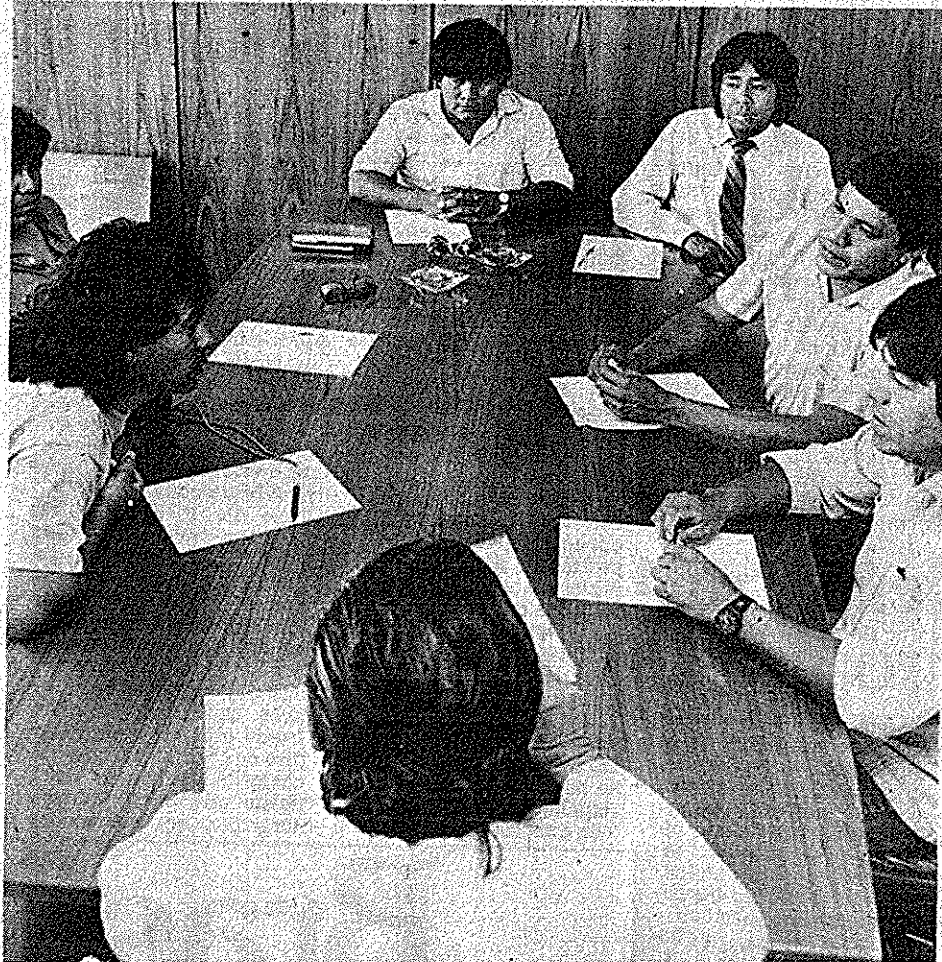
— Antes eu tinha um auxiliar, uma secretária, mesa e telefone. Agora me reduziram só à mesa. E como se isso não bastasse, não tenho mais direito a passagens para viajar. Minha atuação está restrita a Brasília. Há uma semana

do índio em Manaus, mas não poderei participar dela, apesar de ser assunto afeto ao meu setor.

Ailton Krenak aborda outro tema, mostrando a diferença dos acordos políticos entre as comunidades da selva e a dos civilizados: "lá, a política fica no plano das relações humanas, do respeito recíproco e nunca da subordinação como aqui. Lá, não há o jetinho de acumular poderes". E aí Marcos Terena resume o lado de cá com um simples aparte:

— Lá, felizmente, não tem Ulysses Guimarães...

MILA PETRILLO



As lideranças indígenas consideram a Funai apenas um trampolim político

Muda a estratégia: a vez da política

FOTOS: MILA PETRILLO

O índio brasileiro continua sendo relegado a segundo ou terceiro plano (como sempre), apesar da propaganda televisiva que diz justamente o contrário. Mas não vai ficar calado, muito menos cruzar os braços. A esperança é conquistar o espaço a que tem direito na Constituinte, formando o alicerce indispensável para o soergimento moral e étnico, na tentativa de salvar o que ainda resta. E a estratégia agora não é mais a de invadir a Funai de tacape na mão, prática adaptada até há poucos anos (deu certo), quando na ocasião foram expulsos coroneis tão indesejáveis quanto os civis que hoje o substituem no comando daquela fundação. Agora a atuação é de caráter político, sendo na estrutura do poder ideias que possam proporcionar frutos a curto prazo através de providências eficazes "antes que acabem com o nosso povo".

Estas são as conclusões a que chegaram seis jovens lideranças indígenas reunidas quinta e sexta em Brasília, após exaustivas horas de debates sérios sobre um problema antigo que lhes diz respeito diretamente. Mas houve um momento de descontração geral que explodiu em gostosas gargalhadas, expansão



Ailton Krenak



Marcos Terena

de alegria que não é muito própria de índio, quando o repórter quis saber a opinião do grupo sobre a propaganda bastante difundida na última semana na televisão, onde aparece um jovem trajado a caráter ressaltando o valor da terra para o índio.

— Ele se apresenta na tevê com um cocar Karajá, braceiras xinguanas, se identifica como Kadiwel (os índios cavaleiros do Mato Grosso) e apresenta a sua mensagem em terena. Uma salada de frutas bem ao gosto da Funai...

Novos risos rebocados às palavras de Marcos Terena, 33 anos, que fala o português muito melhor que certos deputados constituintes, membro da tribo Terena (Mato Grosso) que viveu a maior parte de sua vida entre os "brancos", que serviu na FAB, onde ganhou o apelido de "japones" e pela qual se brevemente como piloto, o que lhe deu condições para comandar um dos aviões da Funai. Mas ninguém levanta a menor crítica a Kadiwel da propaganda, cuja vida é muito parecida com a de Marcos: ele já viveu mais

tempo no chamado "mundo civilizado" do que ao lado de sua gente no pantanal mato-grossense. Trata-se de Macsuara Kadiwel, que já fez de tudo para sobreviver fora de casa: já comeu até gilete em praça pública e finalmente optou pela profissão de ator, que não deixa de ser também uma forma de sobreviver comendo gilete.

— Macsuara não tem culpa de nada. Apenas cumpriu o seu papel de ator profissional. Se alguém tem culpa é a Funai, que não tem feito outra coisa senão distorcer a realidade dos índios no Brasil através de propaganda. Aquele comercial é a maior prova de como ela esqueteja o índio. E para quem não sabe, a vida dos índios está que é uma maravilha.

Português correto, digno de um professor universitário, utilizando-se inclusive com a maior naturalidade de palavras difíceis como "acéfalo", a denúncia é de Ailton Krenak, 33 anos, coordenador da União das Nações Indígenas.

— A problemática indígena é como um cocar. Enquanto esta pena da ponta de cá está cansada de ver cara e ouvir lorota de branco, a pena do lado de lá que fecha o cocar jamais viu a cara de um branco. E por isso que a problemática da Funai é mais complexa do que pensam: é diferente porque mexe com etnias diferentes, em estágios diferentes. Daí porque a repetição da tolice das sucessivas administrações da Funai que pretendem resolver o problema do índio em seis meses... A problemática indígena não pode ser resolvida a curto prazo.

Funai, uma obsessão de Juruna

Nas duas últimas semanas, o ex-deputado Juruna (xavante) tem sido visto rondando o gabinete de Romero Jucá Filho, o presidente da Funai, que está conseguindo se equilibrar naquela corda bamba oficial há mais de um ano. Consta que Juruna, com a cabeça dura que Deus lhe deu, persiste e insiste na ideia fixa de ocupar aquela função. Consta, também, que por causa dessa mesma renitência ostensiva, o ex-parlamentar pedetista (RJ) foi convidado a retirar-se da antessala do gabinete do ministro Ronaldo Costa Couto, do Interior.

— Mas se o velho sonho do ex-cacique xavante sempre foi a direção da Fundação Nacional do Índio, por que não almejam o mesmo objetivo legítimo os atuais representantes de grupos indígenas, inclusive pela vantagem de serem mais jovens e de imagens com maior credibilidade não só junto às suas comunidades, mas também junto à opinião pública?

Os seis líderes presentes concordam que nenhum índio lúcido, nenhum índio sensato, aceitaria o cargo de presidente da Funai no momento. Seria, por outro lado, uma bela manobra do branco para tentar demonstrar a incompetência do índio para gerir aquela fundação. Ailton Krenak explica por que:

— Seja branco ou índio, só gente oportunista aceitaria o cargo. Aquilo é um trampolim político. Além do mais, é contraditório, por estar afeto ao Ministério do Interior, que tem atribuições de ocupação e desenvolvimento, filosofia que vem bem a gosto dos donos de terras e grileiros que são os eternos inimigos dos índios. Como compatibilizar uma coisa à outra, que são antagonicas? Ao mesmo tempo em que pretende assentar as comunidades indígenas em suas

terras, esse mesmo órgão concede alvarás para empresas madeireiras explorarem a madeira dentro de reservas indígenas. E aí entra a Eletrobrás no rolo, recebendo concessão para explorar as nossas cachoeiras. Como administrar um órgão assim? Só se for louco, esquizofrênico ou cínico.

Ianaculá Rodarte (kamaiurá), que saiu com cinco anos do Xingu, viveu 15 anos no Rio de Janeiro, retornando com bastante experiência à sua comunidade, junto à qual trabalhou nove anos quando exerceu até a chefia de posto indígena, confirma as palavras de Ailton Krenak. Ele conhece o problema de perto porque é o chefe de gabinete da Funai na administração Jucá Filho.

— Começa que o planejamento dos recursos destinados à Funai não são estudados em conjunto com as comunidades indígenas ou seus representantes.

Jorge Terena, 32 anos, que viveu em São Paulo 15 anos, estudou sete anos nos Estados Unidos e que hoje leciona inglês, fala sobre os recursos anunciados pelos jornais para ajudar as comunidades indígenas.

— Até agora ninguém viu o cheiro desse dinheiro que a Funai recebeu para passar aos índios. Estive recentemente no Sul e testemunhei a situação crítica dos kaingangs, que receberam apenas caixinhas de aspirinas.

Carlos Terena, 32 anos, irmão mais novo de Marcos, lembra que no último relatório elaborado pela Cruz Vermelha Internacional ficou bem claro que "a Funai não tem qualquer programa de saúde ou qualquer iniciativa nesse sentido". Afirma que no plano do marketing publicitário, todas as coisas estão indo muito bem, mas que isso nada tem a ver com a realidade. As populações indígenas nunca recebem

recursos. Tudo não passa de encenação.

— Na 8ª Conferência Nacional de Saúde, o relato do diretor de saúde da Funai foi patético. Ele disse, simplesmente: "Se me fizerem alguma pergunta, vai ser difícil responder". E lá na mesa estava o presidente Jucá, que permaneceu no recinto o tempo suficiente para dar entrevista na TV. Ficou uns cinco minutos e depois foi embora.

Falta dinheiro para o lobby

Nos intervalos de suas reuniões deste final de semana em Brasília, Marcos Terena, Carlos Terena, Jorge Terena, Ailton Krenak, Ianaculá Rodarte e Jeremias Xavante fizeram uma espécie de plantão nos corredores do Congresso Nacional, onde se avistaram com cerca de 30 constituintes simpáticos à causa indígena. A grande preocupação do grupo de líderes silvícolas é que hoje não tem sequer um representante índio na Constituinte, muito embora tivessem lançado oito candidatos, incluindo Juruna que não conseguiu reeleger-se. Marcos Terena lamenta:

— Do jeito que está, a representação da Constituinte, francamente está incompleta porque não tem nela o primeiro habitante das terras do Pau Brasil... Frustrações à parte, o grupo está perfeitamente ciente de como está sendo articulada a Constituinte, conforme a constatação "in loco" (índio enxerga muito) e que é extravasada no depoimento de Ailton Krenak.

— Tudo na Constituinte está funcionando na base do lobby. Os empresários têm lobby, as Forças Armadas têm lobby, a UDR tem lobby, não sei quem tem lobby, todos têm lobby. Só índio não tem lobby.

— Mas se índio não tem dinheiro para financiar um lobby de pressão parlamentar, tem muito mais do que isso: uma paciência infinita para convencer alguns políticos mais progressistas de que precisam de um espaço na Constituinte, sem o qual não têm condições de sobreviver ao genocídio histórico desde que Cabral fundou as suas caravelas na enseada de Porto Seguro. Mas, afinal, o que querem os índios na chamada Carta Magna ora em gestação? Marcos Terena responde sem pestanejar:

— Basicamente, a garantia do usufruto pleno e exclusivo de todas as riquezas existentes no solo e subsolo brasileiro, a fim de afastar definitivamente a ganância enorme dos grupos empresariais.

Sem lobby, sem tacape, fazendo das tripas coração, lutando apenas com a cara e a coragem, os índios brasileiros ainda sofrem a desvantagem do poder de seus obvios adversários que têm acesso aos chamados poderes competentes. Ailton Krenak oferece um contundente fato recente como exemplo, ocorrido na visita do presidente Sarney à Fazenda do Matias, em São Paulo, onde, garante, "os repórteres ficaram confinados num curral".

— É assim que eles tratam a imprensa. Mas o pior não foi isso. Na hora em que estavam deglutindo o churrasco, um senhor chegou junto ao presidente e fez a seguinte queixa: não era justo que os empresários só tivessem 50 milhões de hectares de terras disponíveis, enquanto os índios estavam pretendendo 70 milhões de hectares. E sabe como é o nome desse distinto senhor? Nada mais, nada menos do que o empresário Lacombe, dono da Paranapanema Precisa dizer mais alguma coisa?